

LUCAS 13.6-9

Quantos de vocês já tiveram a oportunidade de irem a uma festa muito chique ou irem em um local de patamar muito elevado? Ou... quantos de vocês, que já tiveram a oportunidade de irem para locais culturalmente diferentes, se depararam com o fato de que é impossível negar o status de turista? É difícil, não é!? É difícil nos vermos como parte de algo, quando tudo o que somos é diferente desta “algo”. Se formos a uma festa chique, não temos roupa. Se formos a um restaurante de *estrella michelin*, nem se quer sabemos comer o que eles servem. Se formos a um país diferente, temos comportamentos diferentes, sotaques e costumes diferentes. *Bom, por que isto acontece? Qual a razão para isso?*

A resposta é que, de um jeito ou de outro, sempre expomos aquilo que somos, e as pessoas veem. Os ricos veem que não somos de sua classe social, os nativos veem que somos turistas e Deus vê nossa sequidão espiritual – ele percebe nossa *inutilidade e sequidão*.

Jesus, desde o início do **cap.12**, vem advertindo seus ouvintes – discípulos e multidões, acerca da hipocrisia e avareza. Os líderes religiosos são assim, as multidões são assim e os discípulos são avisados de que não devem ser assim. Entretanto, os líderes religiosos e as multidões são todos judeus, e pensavam serem povo de Deus, entretanto, Jesus os chama ao arrependimento (13.3,5), e conta esta parábola para lembrar-lhes, em tom de aviso com uma dose de graça, algumas coisas sobre estar em um relacionamento com Deus e ser povo de Deus.

EXPOSIÇÃO

O texto nos ensina, com isto, que *a igreja é propriedade de um Deus onisciente, justo e gracioso*.

I. A igreja é propriedade de um Deus **onisciente** – v.6

Observem que Jesus começa a parábola falando sobre *certo homem que continuava com uma figueira plantada na sua vinha*, e, por mais estranho que seja, era algo muito comum na época. Porém, há um problema. Diz o texto que *ele rotineiramente ia ao terreno para procurar fruto nela, e nunca achava*. A figueira era sua propriedade, estava em seu terreno e como dono dela ele a examinava para ver se tinha frutos.

Considerando as últimas palavras que as últimas palavras de Jesus foram de advertência, acusação, exposição do pecado e chamado ao arrependimento, é possível que os judeus tenham entendido a parábola. Eles sabiam que **Israel** foi comparada a uma **figueira** em **Oséias 9.10**. Este profeta foi muito usado por Deus para atacar a idolatria do povo, sua falta de conhecimento do

Senhor (4.12), sua soberba (5.5; 7.10) e seu frágil amor (6.4; 10.2), e chegando ao clímax do livro, seu último capítulo, ele convocou o povo ao arrependimento, em uma manifestação de misericórdia divina. O padrão é muito parecido com **12.1 – 13.9**. Como tinha dito, a parábola lembra o povo o que significa ser povo de Deus, e, também, lembra a nós que somos a igreja de Deus – *de um Deus onisciente*.

A. Ele criou a igreja – v.6b

A figueira é propriedade de Deus e foi plantada em sua vinha, como uma imagem clara da propriedade e criação de Israel, o que é também verdade sobre a igreja – não somos de nós mesmos. Não existimos por nós mesmos. Não nascemos de nós mesmos. Não estamos livres de qualquer responsabilidade.

B. Ele pacientemente examina a igreja – v.6c

Assim como o *homem continuamente ia procurar fruto na figueira*, assim Deus em Cristo foi a Israel, e nada encontrou. E ele faz, o mesmo, com igreja – os **três primeiros capítulos** de apocalipse estão escritos como prova. Jesus conhece sua igreja.

Ele tem *olhos de fogo*. Nada foge ao seu exame. Tudo fica exposto e nu diante de seus olhos. Ele vê o que fazemos no escuro de nossos quartos, e aquilo que guardamos na escuridão de nossas almas. Ele não está preocupado com sacrifícios e holocaustos, qualquer um pode fazer isto. Ele quer um coração que pulsa humildade, justiça de misericórdia.

Meu querido, ele vê seu olhar cinzento de cobiça sexual, quando deveria estar colorido de amor. Ele lê seus negros pensamentos de vingança, quando deveriam estar brancos como a paz e arquitetando o perdão. Ele ouve seus salgados desejos consumistas, quando deveriam como água potável da mina, serem generosos e dispostos a se dar a quem quer que tenha sede.

Ele vê e ouve. Ele examina a figueira que somos, pois a igreja é propriedade dele, *um Deus onisciente*.

II. A igreja é propriedade de um Deus **justo** – v.7,9b

Jesus conta que, por nunca encontrar fruto na figueira, o dono reclama com o seu *viticultor* dizendo que *já tinham três anos que ele esperava colher frutos da figueira*, o que na prática significam **sete anos**, porque os **três** primeiros anos, após o plantio de uma árvore frutífera, era da própria terra, o **quarto** ano era oferta ao Senhor e a partir do **quinto** o dono poderia usufruir da árvore (Lv 19.23-25), mas ela não dava fruto. Pelo contrário, ela estava **ocupando** a terra e a maltratando – as figueiras sugam demais a terra, por isso a única solução é: “*corte-a!*”. Deus não tem um povo para que eles vivam do jeito deles, mas que vivam do jeito de Deus, por isso, viver deste jeito é atrair a justiça divina.

A. Ele se indigna com a falta de vida – v.7

Por mais que Deus tenha uma paciência enorme, ela tem um limite. Sua justiça se inflama e chega ao momento do **abate**. Assim como *depois de três anos o dono da terra quis cortar a árvore*, assim há um limite para Deus. Não estamos de férias, ele não nos deu um cartão sem limites e nem tem interesse que nossa vida seja *sem limites*.

Por isso, observe que, no **contexto**, o *chamado ao arrependimento* (13.3,5), surgiu depois de um longo discurso de Jesus em que ele acusou os avarentos por viverem como se a vida fosse definida pelo dinheiro (12.15), advertiu os discípulos de hipocrisia e temor dos homens (12.1-7), chamou a multidão de hipócritas (12.56) e deixou bem claro para os discípulos que *ter conhecimento de quem Ele era* (12.41-46) e não confessá-lo fielmente (12.8,9), os colocava em uma condição terrível (12.47,48), literalmente.

Queridos, um estilo de vida de morte, evidenciado no **contexto** por hipocrisia, temor dos homens e avareza é um estilo de vida que atrai a justiça divina. Não frutifica em nada. Somos viciados em nos perdermos em nosso ritualismo, somos sedentos por sermos amados e reconhecidos pelo tanto que temos ou pela capacidade de comprar certas coisas. Temos a sensação de que se não tivermos dinheiro ou não pudermos comprar o que queremos não estamos sendo abençoados. Geralmente, nos submetemos às opiniões alheias. Tanto invejamos quanto nos sentimos superiores às pessoas à nossa volta. E no meio desta bagunça toda, achamos que somos o povo de Deus, seu querido povo. Mas, ele está dizendo: “*não, você será cortado*”.

B. Ele tem autoridade para cortar quem dela não faz parte – v.9b

No sentido coletivo, Israel era a figueira e foi cortada. O tempo da paciência durou até a morte de Jesus. Após isto, Israel perdeu o status de povo de Deus, e por isso diz a parábola: “*se não, corte-a*”. Israel não frutificou, pelo contrário ele crucificou o filho de Deus – uma figueira sem frutos, naquele período, era considerada uma maldição, uma calamidade nacional (Jr 5.17). Então, percebam como Jesus está expondo o real estado dos judeus diante de Deus – *precisam se arrepender!*

Após a cruz, qualquer estrutura nacional, cultural ou religiosa que ligasse algum judeu a status de povo de Deus foi embora – Jesus “*removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz*” (Cl 2.14) e o que ficou foi a necessidade de arrependimento.

É assim, também, na igreja, porém com um aspecto muito mais **individual**, apesar de Deus às vezes cortar árvores inteiras – ou seja, dar fim a uma igreja inteira. De todo jeito, você pode estar tendo um relacionamento incrível com esta igreja, crescendo e aprendendo, mas ainda assim não frutificando, porque no fundo nunca se arrependeu de seus pecados, apenas encontrou um meio para se justificar diante de Deus e das pessoas.

Então, não se esqueça. A igreja é propriedade de Deus. Estar na igreja exige dar frutos. Evidência de salvação não é moralismo, é a própria salvação. Portanto, não a ter é estar contra um Deus justo.

III. A Igreja é propriedade de um Deus **gracioso** – v.8,9

A parábola continua, como se tivesse um *grande “mas”* (Ef 2.4) – o **viticultor** teve uma ideia, e disse ao senhor. Ele rogou, por mais um ano, pela paciência do seu senhor, porque iria investir tempo e cuidado naquela árvore. *Ele iria adubá-la*. Então, se desse fruto, ok. Caso contrário, o dono poderia usar de sua autoridade e mandar cortar a árvore.

Apesar de concluir sem conclusão, o que parece é que o dono aceitou a proposta, exercendo paciência e misericórdia para com aquela árvore, o que significa para o povo e para nós que Deus é gracioso.

A. Ele concede as condições de arrependimento – v.8

Este Deus, em Cristo, estabeleceu o tempo da paz e do arrependimento. Sua cruz inaugurou uma nova era. E sua **paciência**, em termos gerais, foi estendida até o fim dos tempos ou o dia de sua morte, o que significa que hoje é sempre o tempo para o arrependimento (Mc 1.15).

Jesus, intercedeu por nós diante de Deus, e ele mesmo *foi à terra para ser o adubo* que faz florescer vida em nós, concedida pelo Espírito, e, por isso, nos chama ao arrependimento. Ele lhe chama, meu querido, **a renunciar a tudo** – conforto, paixões, amores e qualquer coisa que lhe afaste de Deus.

Para os judeus, isto se deu no Pentecostes, quando o Espírito foi derramado, e Pedro pregou contra o pecado da nação, exaltou o Cristo ressurreto e chamo-os ao arrependimento.

Este é o tempo! Arrependa-se! **E o que é arrependimento?** Arrependimento é reconhecer e sentir o perigo, a torpeza e o horror do pecado. É, também, entristecer-se por tal condição contra um Deus tão bom e magnífico, e este sentimento o leva a abominar e a abandonar o pecado e se voltar para Deus, com a intenção de andar em novidade de vida, nos caminhos da obediência – do amor a Deus e ao próximo (CMW, p. 76).

B. Ele é paciente para esperar os resultados – v.8,9

Vejam, ele lhe chama, agora, ao arrependimento e promete que será *paciente para esperar os resultados*, diz o texto “*deixa-a ainda este ano*”. O texto não impera sobre sua alma para que você produza *como um milagre*, mas que dê fruto. Que dê sinais de vida. Que dê sinais de tristeza pelo pecado e do abandono de uma vida fútil, mesquinha, voltada para si mesmo. Que dê sinais de que compreendeu que *a maior de sua alegria é o reino de Deus* (12.31), e que o maior tesouro de sua alma *é a salvação* (12.34).

Então, querido... você **não precisa temer** por não ter o conhecimento que o pastor tem, não orar como a irmã ora, não ser sábio como o irmão é. **Você precisa temer por não ter fruto** – não ser *humilde*, não se sentir atraído a Deus e à sua palavra, não sentir necessidade de Deus, não o desejar pelo que é. Você precisa temer, se tudo o que tem dentro do seu coração é preocupação com dinheiro. Se tudo o que te move na religião, é sair bonito na foto ou obter algo de Deus em seu favor, para então depois poder descansar.

Mas, se Cristo tornou-se belo ao seu coração, tornou-se desejável à sua alma, abandone tudo e viva para ele.

CONCLUSÃO

Tenha em mente meu querido, que de um jeito ou de outro, sempre expomos aquilo que somos, e as pessoas veem, e mais – Deus vê. Ele vê nossa sequidão espiritual, nossa miséria e nossa inutilidade. Ele sabe de nossa falta de frutos, tem toda liberdade e autoridade para confrontar-nos por isso, inclusive *cortando-nos* caso não haja fé genuína no coração, mas este é o *tempo da graça*.

Você pode fazer aula de inglês com um professor nativo. Pode fazer aula de etiqueta, e juntar dinheiro para ir ao restaurante chique e comprar roupas de griff, e depois parcelá-las em 12x sem juros, **mas não pode fugir de Deus e nem da proclamação pública da cruz**. Não fará diferença nenhuma se você morrer sem ter ido a certos lugares ou comido certas comidas e vestido certas roupas, mas fará toda diferença encontrar-se com Deus achando ser crente, e não o sendo. Achando ser parte do povo de Deus, e não tendo seu nome escrito no rol de cidadãos deste povo.

Ser parte do povo de Deus e estar na igreja, não é meramente uma questão visível, por mais importante que ela seja – não é como estar em um grupo de whatsapp. Você precisa entender que *Deus é o proprietário da igreja, e ele é onisciente, justo e gracioso*.

Portanto,

- (1) Reconheça a sequidão de seu coração. A loucura de buscar água em terrenos estranhos. A doença que produz frutos sem sabor, atos hipócritas e preocupações mesquinhas. Por

que cometeria a loucura de se achar autossuficiente? Por que serias louco a ponto de se definir por dinheiro, escravizar-se ao conforto e confiar em sua religiosidade?

- (2) Olhe para a cruz como o adubo que sua alma precisa. Veja-o como a água que precisa ser regada sobre você e a vida que precisa fluir em suas veias. Veja-o naquele madeiro, sendo ele mesmo **cortado** da terra dos viventes, para como uma semente, florescer como a árvore em que devemos ser enxertados. Será que não percebe o quanto Cristo é precioso e valioso?
- (3) Busque conhecer a Deus em tudo o que ele é e diz ser, como revelado em Jesus e nas Escrituras. Um povo que “se acha” povo de Deus, mas não frutifica, é um povo que se esqueceu de quem Deus é. Você acha que Deus é aquilo que você quer ele seja?